

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
COM A LINHA DE SOMBRA  
22 de Abril de 2024**

**EXTINÇÃO / 2018**

*Um filme de Salomé Lamas*

Realização e Argumento: Salomé Lamas / Direcção de Fotografia: Jorge Piquer Rodríguez / Som: Miguel Martins / Montagem: Telmo Churro e Francisca Moreira.

Produção: O Som e a Fúria - Mengamuk / Produtores: Sandro Aguilar, Luís Urbano, Michel Balagué, Marcin Malaszczak / Cópia: digital, preto e branco, legendada em português / Duração: 85 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

Com a presença de Salomé Lamas.

\*\*\*

Falando estritamente de longas-metragens, **Extinção** foi o filme que Salomé Lamas fez seguir a **Eldorado XXI**, centrado numa assombrosa mina peruana. Se confirma a dimensão “viajante”, aventureira, do cinema de Salomé, muda radicalmente de assunto, e da América do Sul passa à Europa Oriental, às fronteiras da antiga União Soviética e à região, dentro da Moldova, que reivindica uma independência não oficialmente reconhecida, a Transnístria.

Em 2018 já tinha começado a turbulência no chamado Donbass, que quatro anos depois conduziria à invasão russa da Ucrânia, e isso, a instabilidade nas fronteiras dos antigos estados integrantes da URSS, assim como a complexidade nada linear dos sentimentos de pertença e identidade nacional de muitas regiões ex-soviéticas (cujo “mapa”, feito burocraticamente à distância por um poder centralizado, é em determinado momento comparado à forma como os colonizadores europeus desenharam “países” em África, muitas vezes deixando o mesmo povo em dois lados diferentes de uma fronteira), tudo isto, dizíamos, faz parte da matéria temática de **Extinção**, a par com uma reflexão, mais vaga e mais abstracta, sobre a ideia de “fronteira”.

Sendo o ponto de partida dessa reflexão a convicção de que há sempre qualquer coisa de absurdo e de contra-natura numa fronteira, que uma fronteira é mais o resultado de um arbítrio político do que de alguma inevitabilidade de ordem natural, não seria de esperar que o filme se fizesse uma espécie de megafone acrítico para os desígnios nacionalistas da Transnístria. É claro que há sempre uma “reserva” do filme perante esses sentimentos, tal como eles interpretados por um protagonista, Kolja, que abundantemente fala – muitas vezes sem rosto e até sem qualquer imagem, apenas uma gravação sonora contra um ecran vazio e monocromático – e nos tenta convencer da pertinência da Transnístria e das suas ideias sobre a União Soviética e sobre o período das independências pós-soviéticas. Há outras figuras no filme, também com as suas teorias, e há sobretudo um esquema “em viagem”, que raramente faz coincidir a imagem com o som, assumindo sempre o 1 + 1, num trajecto por paisagens que estão entre a natureza plena e o rasto de uma presença humana (ou de uma presença política, que pensarmos que se trata, no fundo, dos traços deixados pela antiga

URSS), configurado por todas aquelas figuras arquitectónicas que terão desempenhado outrora alguma função mas agora parecem ser apenas formas enigmáticas disseminadas na paisagem. Todo o filme, na articulação entre as imagens e as ideias veiculadas na banda de som, parece oscilar entre a questão da imaterialidade das linhas abstractas da “fronteira” e a imanência inescapável das marcas deixadas num território, como se a História fosse o encontro entre abstracções e cicatrizes efectivas, e por inerência o presente continuasse a ser decidido por essa mescla semi-fantasmática.

Este Kolja que conduz o filme é, nesse sentido, um “semi-fantasma”, proponente de um país (a Transnistria) que, não existindo de facto, é como uma alma penada a assombrar um país que existe de facto (a Moldova). E semi-fantasmático é o retrato que **Extinção** faz do território pós-soviético, humana e paisagisticamente. Muitos comentadores mencionaram os filmes de Tarkovski, **Stalker** por exemplo, que sobre o território (então ainda) soviético faziam cair um manto deste tipo, atento às irregularidades e singularidades arquitectónicas da paisagem, e essa atmosfera, próxima de um imaginário de ficção científica (ou de um imaginário que chama a ideia da ficção científica), está certamente dentro do filme de Salomé Lamas. Mas não é a única coisa que dialoga com **Extinção**: diríamos que o filme se aproxima também do tipo de curiosidade (ensaística e antropológica) que animava um filme como o **D’Est** de Chantal Akerman.

Evidentemente, seis anos pode ser muito tempo. Hoje, e depois de Fevereiro de 2022, talvez se veja **Extinção** com outro olhar, certamente mais inquieto.

Luís Miguel Oliveira